



Resenha crítica do livro Cozinhando Sonhos. Como futuros gastrônomos planejam empreendimentos socialmente responsáveis

Critical review of the book Cooking Dreams. How future gastronomes plan socially responsible ventures.

*Claudia Mesquita Pinto Soares – Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde (UFRJ). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Brasil - claudiasoares@ufrj.br*



REFERÊNCIA

CRUZ, Breno de Paula Andrade, DUTTON, Arthur. **Cozinhando Sonhos. Como futuros gastrônomos planejam empreendimentos socialmente responsáveis.** Curitiba, CRV, 2019.

Como citar esta resenha

SOARES, C. M. P. Resenha crítica do livro Cozinhando Sonhos. Como futuros gastrônomos planejam empreendimentos socialmente responsáveis. **Revista Brasileira de Gastronomia**, Florianópolis, v. 3, 2020, p. 1-5. Disponível em: <http://rbg.sc.senac.br/index.php/gastronomia/article/view/76>. Acesso em: *dd mm aa*.

1 CREDENCIAIS DO AUTOR

O livro foi organizado por dois autores, um professor do curso de gastronomia e um discente. O primeiro é Breno de Paula Andrade Cruz, doutor em Administração (EAESP/FGV - Estratégia Empresarial), mestre em Administração Pública pela EBAPE/FGV e bacharel em Administração pela Universidade Federal de Lavras (2005). É professor Adjunto IV da graduação em Gastronomia na UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. É líder do grupo de pesquisa Consumo, Gastronomia e Redes Sociais Virtuais e um dos coordenadores do projeto de extensão TransGarçonne; e Arthur Dutton, aluno do curso de bacharelado em Gastronomia da UFRJ. No entanto conta com diversos autores, alunos do curso que foram encorajados a escrever sobre a experiência com a atividade proposta na disciplina.

2 RESUMO

O livro que é organizado por um professor e um aluno joga luz para a questão do ambiente dos empreendimentos gastronômicos e suas cozinhas como espaço de respeito às diferenças e igualdade de oportunidades. A partir do desafio de planejar empresas social, econômica e ambientalmente responsáveis o grupo de alunos propõe repensar a responsabilidade sob a ótica da transgeneridade e do feminismo que saltam do nó das gargantas ansiosas por um diploma até às bordas dos discursos gerenciais que sequer cogitam isso. O livro, que contém sete artigos escritos por alunos e professores a partir do trabalho final da disciplina “Planejamento estratégico em alimentação” é um convite a repensar a prática docente e o papel do aluno na difícil tarefa de ensinar e repensar o papel de interlocutor do saber, que é o docente. Tarefa de ensinar a ser, a estar e principalmente existir como produto e produtor de sua vida.

3 APRECIÇÃO CRÍTICA DO RESENHISTA

O livro traz um caso de abertura de um restaurante como uma estratégia pedagógica para solucionar problemas relacionados a definição e operacionalização de um bar ou restaurante.

O caso foi apresentado a turma de 2018.2 do curso de gastronomia da UFRJ e na disciplina de Planejamento estratégico em alimentação. A discussão perpassa os tópicos gerais da disciplina e ao alcançar a temática Responsabilidade social o professor autor do livro incorpora também o debate de clima organizacional à luz do assédio moral e da LGBTQFobia.

Segundo o professor, ao se tornar professor no curso, percebeu o assédio a LGBTQFobia nas cozinhas eram realidade em alguns empreendimentos - “conforme discussões em sala de aula com alguns alunos que já tinham passado por essa situação ou que tinham algum conhecido que já fora assediado” (p. 9) afirma o professor.

A decisão de publicar o livro aconteceu após a realização da avaliação final dos trabalhos e ao entregar as notas a turma um dos alunos propôs o nome do livro.

O livro opera com 7 artigos, 3 relativos à disciplina e ao caso apresentando os principais conceitos e práticas propostas para abertura de um empreendimento no setor de alimentos e bebidas e com ele uma ação ligada sobretudo ao movimento de inserção do Transgêneros e todos os desdobramentos que uma ação dessa decorre.

A transgeneridade é uma realidade e recebe um olhar atencioso da Nações Unidas por meio dos 17 objetivos de Desenvolvimento Sustentável. (p. 20) A sustentabilidade então foi tratada na disciplina e destacada em sua ideia mais ampla, segundo os autores, abraçando as dimensões sociais, ambientais e culturais.

O caso inicial para desenrolar os debates está centrado na abertura de um restaurante na cidade de Viçosa, local de nascimento do professor. O empreendimento foi batizado de ‘Bar das Kahlo’ em alusão a feminista e artista plástica Frida Kahlo. A dinâmica de abertura desse empreendimento, no caso apresentado centra-se na perspectiva dos conflitos de mulher jovem

feminista, filha de pai professor universitário, conservador e a abertura de um “bar ou restaurante que representa não apenas um lugar para se comer, mas também um lugar que busca respeitar as minorias” (p. 22).

No caso ilustrado, além das nuances técnicas de organizar, planejar e operar um restaurante aparece uma personagem transexual denominada de *Tiffany*¹ evidenciando o que acontece em muitas cozinhas.

“A gastronomia junto com beleza e entretenimento são aqueles que mais empregam pessoas transgêneras. No setor de Entretenimento essas pessoas passam por caricatas ou engraçadas, no setor da Beleza muitas mulheres têm o dom para cuidar da beleza de outras mulheres, na Gastronomia essas pessoas muitas vezes são contratadas porque, além do dom de cozinhar, elas se tornam invisíveis diante dos clientes ao estarem escondidas no *back office* – cozinha” (p. 19). Os nomes adotados por cada grupo que estudou o caso foi alterado e surgira Malala’ Bar², Bar das Silvia’s³ e Bar LuTzz⁴ daí compreendemos o título do capítulo 1 – Planejando e respeitando sonhos e a importância de compreender e reconhecer o movimento e a luta por igualdade como itens fundamentais na construção de uma sociedade mais justa.

Ao final de cada capítulo os autores alunos evidenciam os aprendizados com a elaboração do documento num item denominado – “Para além da cozinha com o bar ...”. Nesse espaço são evidenciados o crescimento (palavras deles) da compreensão do que é um empreendimento gastronômico e o desafio de planejar para além da “cozinha” (palavras deles também).

A atividade, dizem eles, foi desenvolvida tendo por base os pilares do curso: gestão, hospitalidade e culinária. A saúde não foi considerada como tema que perpassou as análises. Muito embora essa perspectiva tenha sido amplamente anunciada como balizar na sua ação, no capítulo 7, onde um professor homem transexual do Curso da Gastronomia, relata sua trajetória recente de transição de gênero.

Um grupo destaca a falta de informação sobre a atuação do profissional bacharel em gastronomia destacando as outras possibilidades e mesmo as impensadas por eles. Noutro, o grupo salienta que a gastronomia está para muito além das culinárias ressaltando a importância da experiência que cada cliente terá ao adentrar o estabelecimento em função dos valores e significados imputados ao mesmo.

O livro finaliza com a entrevista com uma mulher transexual tangibilizando o debate e as ações propostas no que concerne aos valores envolvidos na elaboração do trabalho final da disciplina e conta com o relato de um professor homem transexual do curso da Gastronomia da UFRJ, o primeiro docente a ter seu nome social aceito numa universidade pública.

A dinâmica do livro, bem como seus elementos desde a escrita, o uso de termos e formatos traduzem o cuidado e a preocupação com as causas sociais emergentes e relativas ao universo da Gastronomia em suas práticas cotidianas em temas que necessitam emergir para um debate amplo na sociedade.

A gestão de empreendimentos, espaço conteúdo da esfera do sistema imperativo e comercial a que estamos todos sujeitos, nos força ora a repensar as práticas cotidianas de trato com

¹ Homenagem a figura pública recentemente atacada por ser transexual. Tiffany Abreu é a primeira mulher transexual no Brasil a atuar como atleta profissional na Superliga de Vôlei feminino. Embora tenha atendido a todos os requisitos técnicos para compor o time de atletas de elite pela Confederação internacional e pela confederação Brasileira de Vôlei, o movimento ultra conservador em especial oriundo das redes sociais não “aprova” e responde com violência exigindo que Tiffany se encaixe na binaridade homem – mulher em que o órgão sexual define o gênero.

² Malala Yousafzai, ativista dos direitos humanos, defensora de amplo acesso à educação, feminista, *blogueira* e a menina mais jovem a Ganhar o Prêmio Nobel da Paz.

³ Silvia Regina de Oliveira foi a primeira árbitra de futebol brasileira, primeira a apitar um jogo da série A no campeonato Brasileiro e a representar o país em jogos mundiais. Símbolo de empoderamento feminino desde a década de 1908 em um cenário machista que é o futebol.

⁴ Resgata e evidencia um ícone da luta feminista Bertha Lutz ao mesmo tempo que trabalha a em cima das representatividades Transexual.

os temas em sala de aula, ora a tensionar fortemente com o movimento gerencial e modernista que acomete tanto as universidades como a sala de aula e seus projetos de inserção sócio profissional dos egressos universitários.

Sim, os currículos estão todos sujeitos as lógicas de mercado e dispostos como “ferramentas” produtoras de indivíduos capazes de serem empregados e serem bem-sucedidos. A imposição eurocêntrica ainda aponta com uma lógica reprodutivista, não pensada e pouco problematizada⁵. Assim como a invisibilidade dos corpos dóceis e economicamente disciplinados que seguem sujeitados em suas correntes mais frágeis, a sua subjetividade.⁶

Na Gastronomia e seus processos formativos em todos os níveis, o empreendedorismo abarca o status de diferenciação para um mercado que cada dia mais tem menos empregos formais e exige do sujeito as tais “competências empreendedoras” atrelando ao jogo da formação o “gerencialismo institucional e ao anti-intelectualismo pretensamente democrático”⁷.

As disciplinas, códigos de conteúdos elencados como importantes para lógica desse sistema imperativo eficiente e eficaz num lugar onde as subjetividades e a construção dessas são terreno proibido, pois que, ora não são fáceis de lidar, ora são vedados, ora censurados e sob o manto das violências invisíveis que pululam à nossa pretensa construção de formação do individuo profissional, operam portanto lado a lado com os domínios dos processos fundamentais da vida. De forma que,

“A pedagogia, como política de persuasão, formação de identidade e resistência, oferece a oportunidade para tais movimentos falarem de uma visão de mundo que defenda os valores fundamentais da justiça, igualdade e solidariedade, ao mesmo tempo que critica a desigualdade econômica e o poder corporativo e a injustiça social.” (p. 14)⁸

As práticas de liberdade são em sua maioria encobertas pelos estudos longínquos e utópicos, quase esquecidos nas linhas [não lineares] da história, cronologicamente arrematadas para tudo parecer perfeito e lógico, anunciando os certos e errados, ganhadores e perdedores, sim e não e num terreno que o talvez, o confuso, o ser, o não ser, o profundo e o ato de (re) existir no mundo contemporâneo forjam a natureza e razão básica do ser humano, *viver*.⁹

Assim, o livro que ora apresentamos nos mostra que ver e escutar nas práticas diárias de aulas, porque estamos quase esquecendo que as salas de aula são preenchidas por alunos, que antes são pessoas, não meros números de matrículas e suas histórias e sua audiência são a razão única da existência dos professores e da existência de um espaço que por natureza é múltiplo, reflexivo e livre, a Universidade.

A prática do ensino, antes e acima de tudo, é um olhar para

“as fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceitos. Os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente. Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja transexual formada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transexual forma a consciência, criando um clima de livre expressão que a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora.”¹⁰

⁵ MASSETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2012.

⁶ MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

⁷ Conceitos trazidos por Christian Laval para descrever a lógica de redução dos gastos com educação que impactaram na redução de conteúdos e fez da escola um espaço empresarial.

LAVAL, C. **A Escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público**. Londrina: Editora Planta, 2004. 324 p.

⁸ FIGUEIREDO, G. H. GIROUX. **Fortalecer a resistência e mobilizar para a ação coletiva**. Le Monde Diplomatique, 31/03/2020. Edição 153. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/fortalecer-a-resistencia-e-mobilizar-para-a-acao-coletiva/>

⁹ HOOKS, Bell. **Ensinando a transexualgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

¹⁰ HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

Com a análise das relações de poder entrelaçadas na lógica dos conteúdos e enunciados dispostos no currículo formal e também no dito currículo oculto do curso superior em gastronomia observamos que, sob a perspectiva de Michael Foucault procurou descrever¹¹ um agenciamento no qual se cruzam práticas, saberes e instituições, visando a alcançar a questão do “sujeito” e sua sujeição ao *status quo* posto por uma lógica mercantilista que averba as premissas empresariais que, como relatadas no livro, são normalizadas no fazer cotidiano da gastronomia.

Foucault que havia intuído: um pensador é o que aponta para a possibilidade da liberdade, da mudança laboriosa e permanente de cada um e de todos, e da invenção de modos de relação e de convivência pautados em princípios políticos e éticos, por mais que isso pareça improvável e utópico¹².

O livro, além de ser um relato de experiência baseada no ensino de estudos de caso, carrega em si o desejo de que a sala de aula não se esgote em si e nem naqueles que a compõem. A leveza e a profundidade da temática que antes parecia um “pano de fundo” atrativo para a reflexão devem ser alcançadas e debatidas ferozmente por aqueles que sobretudo, se indignam e não se infletem a realidade apresentada.

Assim se constroem sujeitos capazes de reconhecer seus corpos em liberdade de ação e pensamento numa lógica que, justaposta à construção de saberes é capaz de se emancipar.

¹¹ FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 9a. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

¹² FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.